

FAIXA DA DISCÓRDIA



O estreito território localizado na Palestina, entre Israel e o Egito, ao longo do Mar Mediterrâneo, vive em constante conflito, cuja origem milenar aponta para uma longa história de desavenças religiosas e de disputa de terras

GAZA SUBMETIDA À ATAQUE
AÉREO ISRAELENSE EM 15
DE NOVEMBRO DE 2012

Quase que diariamente a mídia enfoca tanto os ataques mútuos entre israelenses e palestinos quanto as diversas iniciativas internacionais de tentar promover a paz entre os dois povos. No entanto, desde os tempos bíblicos, judeus e árabes (palestinos), dois dos diversos povos semitas, sempre ocuparam partes do território do Oriente Médio. Mas, como cada qual adotou sistemas religiosos diferentes, as divergências se tornaram comuns e agravaram-se ainda mais com a criação do islamismo no século 7º.

Já século 20, mais precisamente a partir da 1ª Guerra Mundial, no momento em que se deu o fim do Império Otomano, os conflitos entre ambos os povos se intensificaram ainda mais. Nessa época, a Palestina que, até então, estava sob o domínio otomano, passou a ser administrada pela Inglaterra, país que já apoiava o movimento sionista, que fora criado no fim do século 19, com o objetivo de fundar um Estado judaico na Palestina, região considerada o berço do povo judeu.

Na época, apesar de alegar que não pretendia violar os direitos dos palestinos que viviam lá, os ingleses, aparentemente, não levaram em conta que a região de apenas 27 mil quilômetros quadrados já abrigava uma população árabe de 1 milhão de indivíduos, enquanto os habitantes judeus não ultrapassavam 100 mil. Consequentemente, após expressar sua posição, o país britânico também se tornou responsável por um grande fluxo de imigrantes judeus em direção a Palestina.

Logo após, a partir de 1933, esse mesmo fluxo ainda acabou por ser incrementado com o advento do nazismo na Alemanha. Nesse período, devido às perseguições sofridas pelos judeus em toda a Europa, a imigração deles se ampliou de uma forma considerável em direção à



REPRODUÇÃO/ELECTRONICFADA.NET

Palestina. Por sua vez, os habitantes de lá passaram a resistir à ocupação, momento em que os conflitos se intensificaram ainda mais.

A partilha da Palestina

Após o fim tanto da 2ª Guerra Mundial quanto do Holocausto que, por sua vez, exterminou mais de 6 milhões de judeus, a comunidade internacional passou a exigir a criação de um Estado israelense. Tal fato fez com que a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovasse, em 1947, um plano de partilha da Palestina, que passaria a abrigar dois Estados: um judeu, que ocuparia 57% de suas terras, e outro palestino, que ficaria com o restante da área.

Um ano depois, quando os ingleses desocuparam a região, em 14 de maio de 1948, os judeus fundaram o Estado de Israel. Mas a proporção

territorial desigual, além de afrontar a própria ocupação histórica da região, desagradou todos os países árabes. Em consequência, um dia depois do Estado de Israel ter surgido, os árabes declararam guerra a ele.

Mas, sem sucesso no embate, eles foram obrigados a ver a nova nação aumentar seu próprio território sobre as antigas terras palestinas em 75%. Já os 25% restantes ainda foram anexados tanto pela Transjordânia, que ficou com a parte chamada Cisjordânia, quanto pelo Egito, que se apoderou da Faixa de Gaza.

Nesse período, muitos palestinos se refugiaram em Estados árabes vizinhos, porém boa parte permaneceu sob a autoridade israelense. Ao mesmo tempo, outras guerras ocorriam por causa das fronteiras. Nelas, Israel sempre levou vantagem, mas nunca se preocupou em apresentar

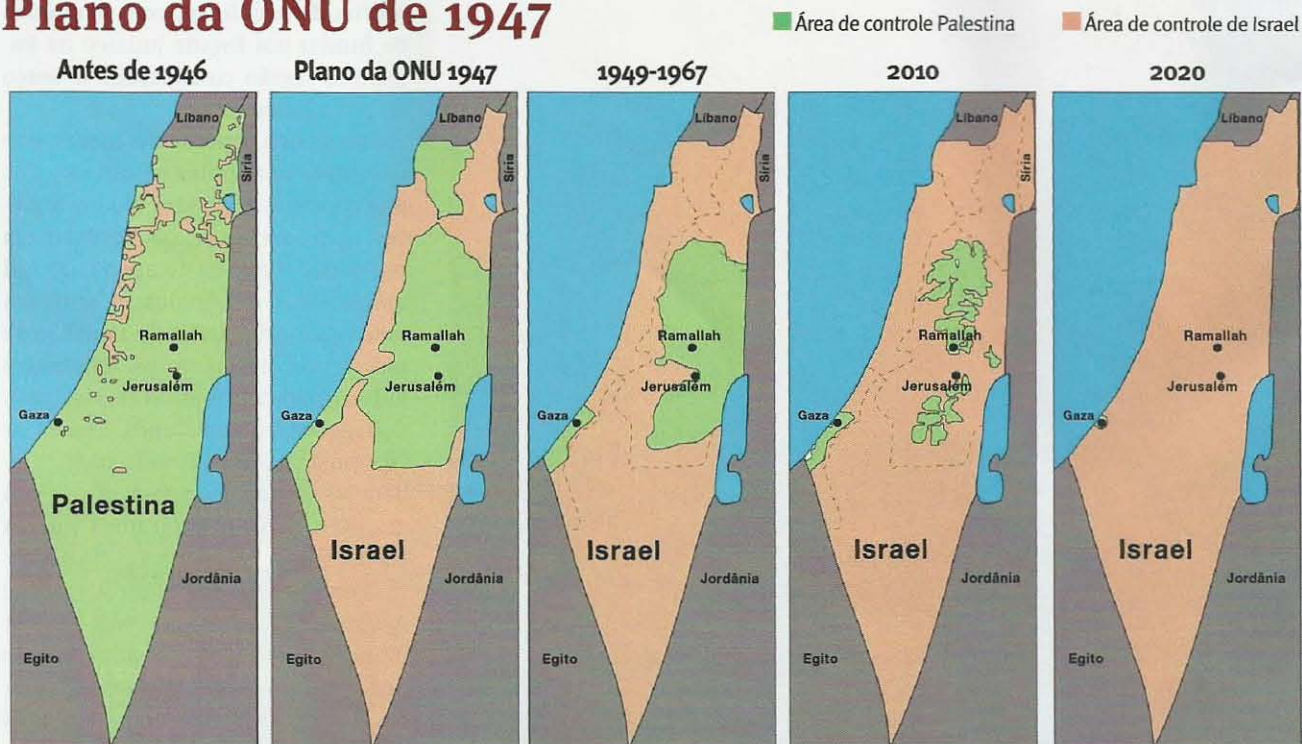
uma solução para o problema dos refugiados palestinos.

Diante desse quadro, houve algumas tentativas de acordos, que visavam à paz entre ambos os povos. No entanto, o impasse nunca foi resolvido, porque os palestinos liderados pelo movimento radical islâmico Hamas não reconhecem o direito de existência de Israel. Tal fato leva muitos especialistas em política internacional a declarar que a guerra entre eles só chegará a um fim quando for criado um Estado palestino de forma equitativa com Israel.

Localização geográfica

A Faixa de Gaza é uma planície costeira que ladeia o litoral mediterrâneo e que se estende em torno da cidade homônima, em uma área de 365 km² que, por sua vez, é habitada por cerca de 1,7 milhão de ha-

Plano da ONU de 1947



APÓS A ONU CRIAR O PLANO DE PARTILHA DA PALESTINA, EM 1947, O TERRITÓRIO ASSISTIU À CRIAÇÃO DE UM ESTADO JUDEU, INSTITUÍDO EM MAIO DE 1948, E DE OUTRO ÁRABE, AINDA NÃO CONSOLIDADO. MAS DEVIDO AOS CONFLITOS NA REGIÃO, OS JUDEUS, PRETENSIOSAMENTE, PROJETAM FRONTEIRAS FUTURAS, COMO É POSSÍVEL OBSERVAR NO MAPA ACIMA, NA QUAL A GAZA JÁ APARECE INCORPORADA AO ESTADO DE ISRAEL POR VOLTA DE 2020

de habitantes. Considerado um dos territórios mais povoados do planeta, seu crescimento anual é de aproximadamente 3,2% – a sétima maior taxa de crescimento demográfico do planeta.

Em grande parte, sua população é muçulmana sunita – maior ramo do Islamismo, que assume uma posição mais neutra se comparado às radicais xiitas, por exemplo. Embora a maioria tenha nascido no local, uma enorme porcentagem se identifica com os refugiados palestinos que fugiram para a cidade – existente já nos tempos de Abraão e onde se acredita que Sansão bíblico morreu –, durante o êxodo que ocorreu após a guerra árabe-israelense de 1948.

Apesar do imenso número populacional que só tende a aumentar e cuja expectativa de vida não ultrapassa os 71 anos, além das reservas de gás descobertas recentemente, na Faixa de Gaza, quase não há nenhum recurso natural. A falta de água é constante, a infraestrutura é mínima e, com exceção das pequenas indústrias têxtil, alimentar e de cerâmica, não há manufaturas de grande porte no território. Mesmo assim, a Faixa de Gaza foi praticamente destruída pelos bombardeios israelenses realizados em 2008 e 2009 e, ainda hoje, quase nada foi refeito na região.

Já a religião predominante no local é o islamismo sunita que, por sua vez, é seguido por 99,8% da população. Os outros 0,2%, maioria de idosos, são adeptos do cristianismo greco-ortodoxo e, entre eles, uma minoria ainda segue o cristianismo romano. Embora insignificante, esse último número tende a diminuir. Apesar de o Hamas ter prometido não impor uma religião aos habitantes de Gaza, desde que assumiu o poder em 2007, ele vem forçando a população a adotar preceitos religiosos defendidos por seus integrantes.



MAPA DA FAIXA DE GAZA ATUAL

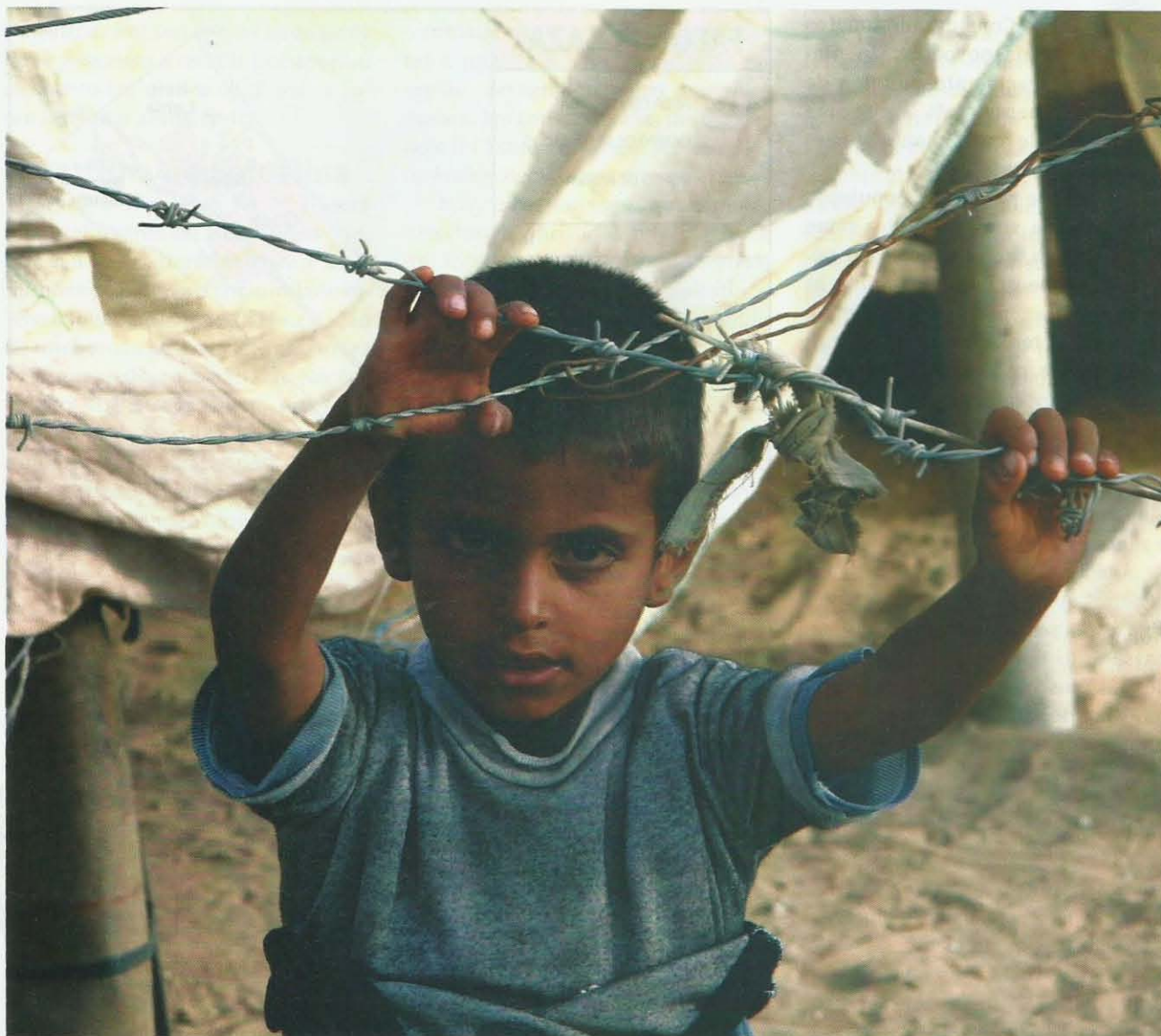
A ocupação da região durante os séculos

A cidade atual de Gaza foi fundada, por volta do século 5º a.C., por piratas Filisteus que, ao navegarem pelo Mar Mediterrâneo, denominaram a região de Filisteia. A partir daí, ela passou por uma série de invasões de tribos israelitas, babilônicas, persas e assírias, até que toda a região caiu nas mãos dos macedônios que, graças ao processo de imperialização, colocaram-na em contato com a cultura helenista.

Logo depois, quando os romanos invadiram Israel, Gaza também foi

submetida. Em seguida, foi a vez dos bizantinos e árabes exercerem poder sobre ela. Na sequência, os otomanos a tomaram e ficaram na região até o fim da 1ª Guerra Mundial, momento em que os ingleses passaram a dominá-la. Nessa época, com a criação do Estado do Israel, Gaza passou a abrigar os refugiados palestinos expulsos das áreas que hoje fazem parte de Israel.

Com o fim do mandato britânico, entre 1949 e 1967, foi a vez do Egito controlar a região. Mas, por um curto período, enquanto se dava a crise do Canal de Suez, Gaza ainda foi submetida por Israel na chamada



REPRODUÇÃO/ELECTRONICINTIFADA.NET

EM GAZA, APESAR DA DESTRUIÇÃO, AS CRIANÇAS SÃO CONSIDERADAS O MAIOR PATRIMÔNIO DA PALESTINA

Guerra dos Seis Dias. Embora mínimo, esse tempo foi suficiente para os israelenses promoverem a construção de assentamentos para colonos judeus em Gaza.

A partir de então, apesar dos acordos que foram assinados entre maio de 1994 e setembro de 1999, o caos que imperava na região nunca foi interrompido. Nesse período, Israel ainda se comprometeu a transferir para a Autoridade Nacional Palestina (ANP) a responsabilidade

tanto pela segurança quanto pelos civis das áreas povoadas por palestinos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Mas, como a promessa nunca foi cumprida, os palestinos se viram cercados por colônias de judeus, enquanto a constituição de seu Estado era interrompida.

Embates do século 21

Em setembro de 2000, deu-se a revolta dos civis palestinos contra a política administrativa e a ocupação

israelense na região, movimento conhecido como a 2ª Intifada. No entanto, como a rebelião deles foi contida, os israelenses reocuparam a maioria das áreas controladas pelos palestinos, inclusive além da Faixa de Gaza.

Em meio a uma série de conflitos sem fim, em 2005, o então primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, iniciou a retirada tanto dos colonos israelenses da Faixa de Gaza, que na ocasião totalizavam 8 mil indivíduos, quanto das tro-



ISMAIL HANIYEH, PRIMEIRO-MINISTRO DA FAIXA DE GAZA, EM 21 DE SETEMBRO DE 2013, EM MEIO A UMA MARCHA DO BRAÇO ARMADO DO GRUPO HAMAS EM DIREÇÃO AO CAMPO DE REFUGIADOS DE AL-SHATI, NA CIDADE DE GAZA

pas que os protegiam – operação que foi concluída no mesmo ano.

Na época, a medida israelense poderia, mas não melhorou a situação de Gaza, porque em janeiro de 2006 a organização política sunita Hamas venceu as eleições legislativas palestinas e as divergências políticas entre o então presidente Mahmoud Abbas, da Autoridade Nacional Palestina, pertencente ao Al-Fatah (organização política e militar conhecida como Movimento de

Libertação Nacional da Palestina), e o primeiro-ministro Ismail Haniyeh, do partido vencedor, provocaram embates violentos entre militantes das duas facções rivais, tanto que, entre 2006 e início de 2007, a Faixa de Gaza teve um grande número de mortos e feridos.

O oportunismo israelense

Aproveitando-se do conflito interno, em junho de 2006, forças de

defesa de Israel empreenderam sua primeira grande ação militar contra a Faixa de Gaza. Com a chamada Operação Chuvas de Verão, eles visavam resgatar o soldado Gilad Shalit, que fora capturado pelo Hamas e dois outros grupos militantes, que entrou em Israel. A ação resultou tanto na morte de muitos palestinos quanto na detenção de dirigentes do movimento radical que estava no poder, entre os quais vários ministros e dezenas de deputados.



ATAQUE ISRAELENSE À GAZA EM JUNHO DE 2006

Em novembro, em uma nova operação, os israelenses atacaram Beit Hanoun, cidade ao nordeste da Faixa de Gaza, próxima ao Estreito de Hanoun e a 6 km da cidade de Sderot, em Israel. Nesse período, estima-se que, em cinco meses de guerra, houve mais de 400 palestinos mortos.

Diante do incidente, como a opinião internacional se dividiu, Israel entrou em acordo com o grupo Hamas e se comprometeu a cessar o

fogo, desde que nenhum foguete fosse lançado contra seu território. Mas como o braço armado do movimento radical não aceitou a exigência e continuou atacando, os israelenses retomaram as ações contra a Faixa de Gaza em abril de 2007.

A expulsão do Fatah

Ainda em abril, Abbas e Haniyeh concordaram em formar um governo de união nacional para liderar a

Faixa de Gaza. Em paralelo, como os militantes das duas facções continuavam se debatendo, em julho, o governo do Egito fechou sua fronteira. O Hamas, então, assumiu o controle da Faixa de Gaza e, em seguida, expulsou o Fatah que, por sua vez, continuou dominando a Cisjordânia.

Diante da nova situação que se configurava, ao alegar que Fatah não poderia mais garantir a segurança da região, o governo de Israel também



MEMBROS DO FATAH ANTES DA EXPULSÃO DA FAIXA DE GAZA

ANP. Em decorrência, as exportações deixaram de chegar até os palestinos, que passaram a receber somente ajuda humanitária de forma limitada e a viver de uma forma miserável.

Em meio a esse contexto, o Fatah ainda conseguiu se tornar simpático aos olhos internacionais e, assim, obteve o apoio de Israel e dos opositores do partido que tinha tomado o poder na Palestina.

Após o boicote internacional

Com a economia local totalmente sufocada, 45% da população ativa desempregada e mais da metade vivendo abaixo da linha de pobreza, em 2008, representantes do Hamas se encontraram com o governo israelense e, mediados pelo Egito, acordaram um cessar-fogo na região, que terminou em 19 de dezembro do mesmo ano, sem chances de renovação, porque os palestinos alegaram que Israel não cumpriu com o compromisso de suspender o bloqueio imposto à Faixa de Gaza.

Em resposta, no dia 27 de dezembro de 2008, as forças de defesa de Israel empreenderam a Operação Chumbo Fundido, que se constituiu por uma série de ataques aéreos a al-

vos palestinos. No início de janeiro de 2009, eles ainda intensificaram a ação, momento em que tropas e tanques israelenses invadiram a Faixa de Gaza por terra.

Em meados do mesmo mês, a ONU anunciou que, em 22 dias, o conflito já havia feito 1.314 mortos e cerca de 5.320 feridos só no lado palestino. Já os números de Israel indicavam apenas 4 mortos oficiais e 55 feridos.

Por mais uma vez, o embate agitou a comunidade internacional. Por conseguinte, líderes europeus e árabes se reuniram no Egito. Em comum acordo, eles pediram tanto para Israel retirar suas forças da Faixa de Gaza quanto para que abrissem o território para a ajuda humanitária.

Na ocasião, enquanto Abbas, presidente da ANP, também pedia a reconciliação, para a formação de um governo de unidade nacional, na intenção de preparar o caminho para as eleições presidenciais e parlamentares da Faixa de Gaza, Abdullah, rei da Arábia Saudita, ainda frisou que "Israel tem de entender que a escolha entre guerra e paz não estará sempre aberta, e que a iniciativa de paz árabe que está na mesa hoje não ficará nela para sempre".

fechou seu posto de fronteira na Faixa de Gaza para, em seguida, decretar o bloqueio ao território palestino.

A partir daí, o Hamas passou a enfrentar o boicote econômico internacional, principalmente por parte dos Estados Unidos e da União Europeia, em virtude do alegado não reconhecimento do Estado de Israel, da violência e da desconsideração em relação aos acordos firmados anteriormente, inclusive pela própria



REPRODUÇÃO/ELECTRONICINTIFADA.NET

EM 2008, GAZA, COM A ECONOMIA LOCAL SUFOCADA, JÁ TINHA 45% DA POPULAÇÃO ATIVA DESEMPREGADA E MAIS DA METADE VIVENDO ABAIXO DA LINHA DE POBREZA

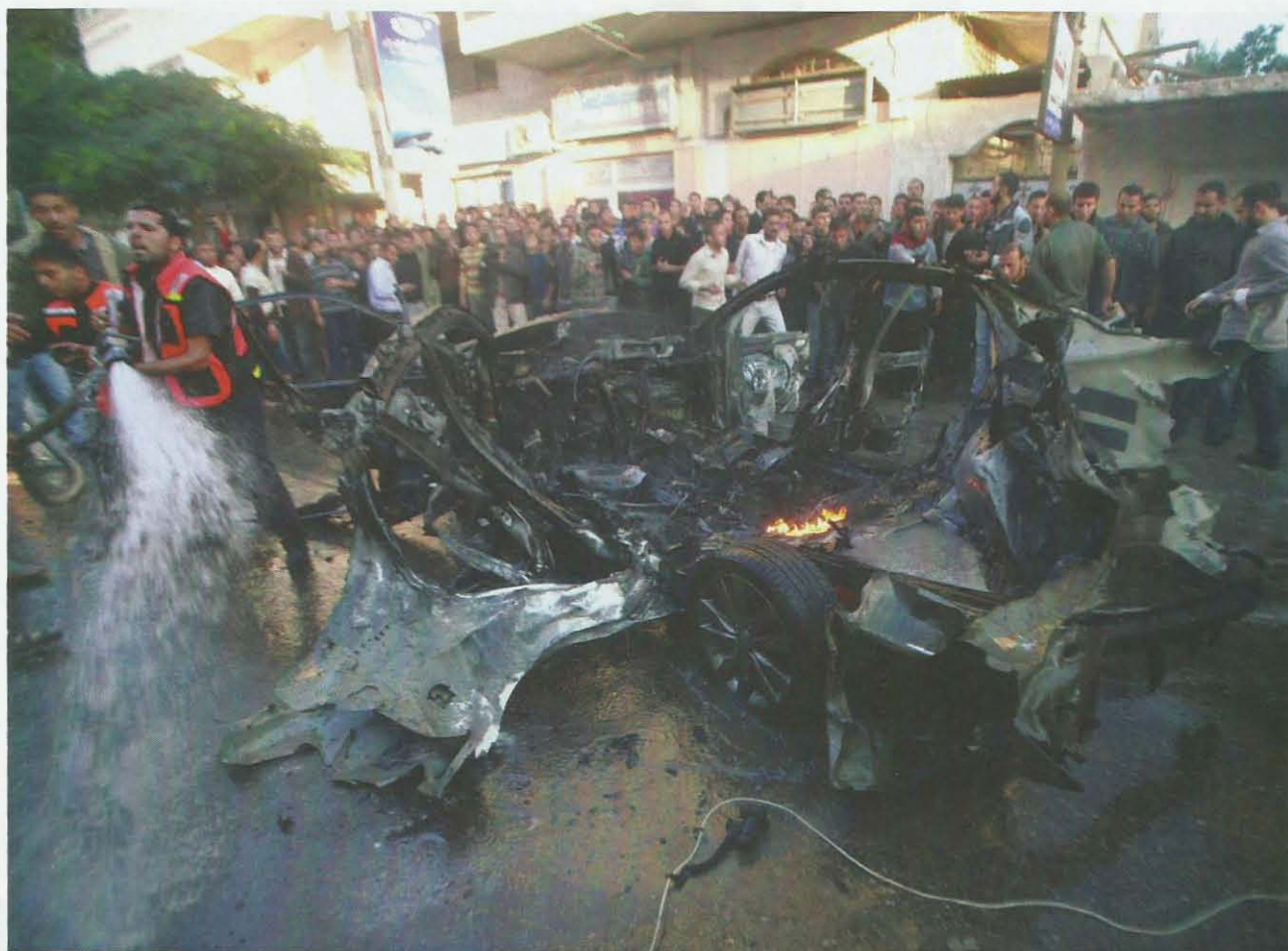


REPRODUÇÃO/DOTANDCALM.COM

POPULAÇÃO DE GAZA TIRA OS COMPATRIOTAS FERIDOS DOS ESCOMBROS APÓS OS ATAQUES ISRAELENSES DE 2008

A vitória parcial do Hamas

Sem alternativa, Israel recomeçou a retirar suas tropas da Faixa de Gaza, que já estava totalmente destruída. Logo depois, ao visitar a região, Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, ainda pediu uma investigação sobre o bombardeio que atingiu a cidade, por considerá-lo como um atentado insano. Enquanto isso, líderes reunidos em uma cúpula da Liga Árabe, teoricamente, concordaram em ajudar na reconstrução da Faixa de Gaza. Mas, na prática, não chegaram a nenhum acordo, devido às divergências em relação ao texto final da sessão.



REPRODUÇÃO/MAANNEWS.NE

RESTOS DO VEÍCULO EM QUE VIAJAVAM AHMED JABARI E SEU FILHO, APÓS SER ATINGIDO POR UM MÍSSEL ISRAELENSE EM 14 DE NOVEMBRO DE 2012

Impasse persistente e novos ataques

Entre 14 e 21 de novembro de 2012, Israel empreendeu um novo ataque à Faixa de Gaza, com a chamada Operação Coluna de Nuvem. Para os palestinos, tudo começou com o assassinato de Ahmed Jabari, chefe do braço militar do Hamas em Gaza, e de seu filho, que viajaram em um carro que foi atingido por um míssil no primeiro dia dos ataques israelenses à Faixa de Gaza.

Já para Israel, o motivo principal da operação foi o lançamento de mais de 700 foguetes de médio e longo alcance contra seu território, desde o início do mesmo ano, sob orien-

tação do Hamas, do Jihad islâmico e dos Comitês de Resistência Popular da Faixa de Gaza.

Além disso, para justificar a brutal ofensiva, os judeus também alegaram um ataque miliciano vindo de Gaza contra um veículo militar israelense e a explosão de um túnel repleto de soldados de Israel, ambos dentro das fronteiras do Estado judaico. Por isso, eles também sustentaram que os ataques empreendidos contra a Faixa de Gaza tinham como objetivo interromper a ofensiva contra o sul de Israel e, em paralelo, eliminar a capacidade das organizações militantes palestinas.

Em meio ao conflito, o Hamas, que negou a sua responsabilidade

em relação aos dois incidentes que envolveram os israelenses, culpou o Estado de Israel pela violência, com base nas ações das forças inimigas que haviam causado várias mortes de civis em Gaza nos primeiros dias da operação e ainda alegou o direito de defender seus cidadãos contra o bloqueio da Faixa de Gaza.

Na época, o grupo radical palestino teve o apoio de Ghazi Hamad, autoridade responsável pela circulação na fronteira, que fez questão de deixar claro para a imprensa internacional que a agressão não havia partido do Hamas. Como a discussão se inflamou, as forças israelenses assumiram o ataque de mais de 1500 alvos militares na Faixa de Gaza, en-



GAZI HAMAD, AUTORIDADE RESPONSÁVEL PELA CIRCULAÇÃO NA FRONTEIRA, EM DECLARAÇÃO À IMPRENSA, DEIXOU CLARO QUE A AGRESSÃO DE NOVEMBRO DE 2012 NÃO HAVIA PARTIDO DO HAMAS

quanto os palestinos afirmavam que o alvo deles se estendeu a diversas residências comuns, o que provocou a morte de 167 civis.

Para se defender, as forças de defesa israelenses também declararam ter interceptado pelo menos 409 foguetes palestinos no ar. Além disso, alegaram a explosão de um ônibus em Tel Aviv, capital política e financeira de Israel, no qual 20 civis foram feridos, e ainda disseram que Jerusalém também havia sido atingida.

Sete dias depois do início da discussão, entre acusações mútuas e nenhuma solução, em 21 de novem-

bro, deu-se o cessar-fogo entre o Hamas e Israel, momento em que cada liderança se declarou vitoriosa.

Opiniões divididas

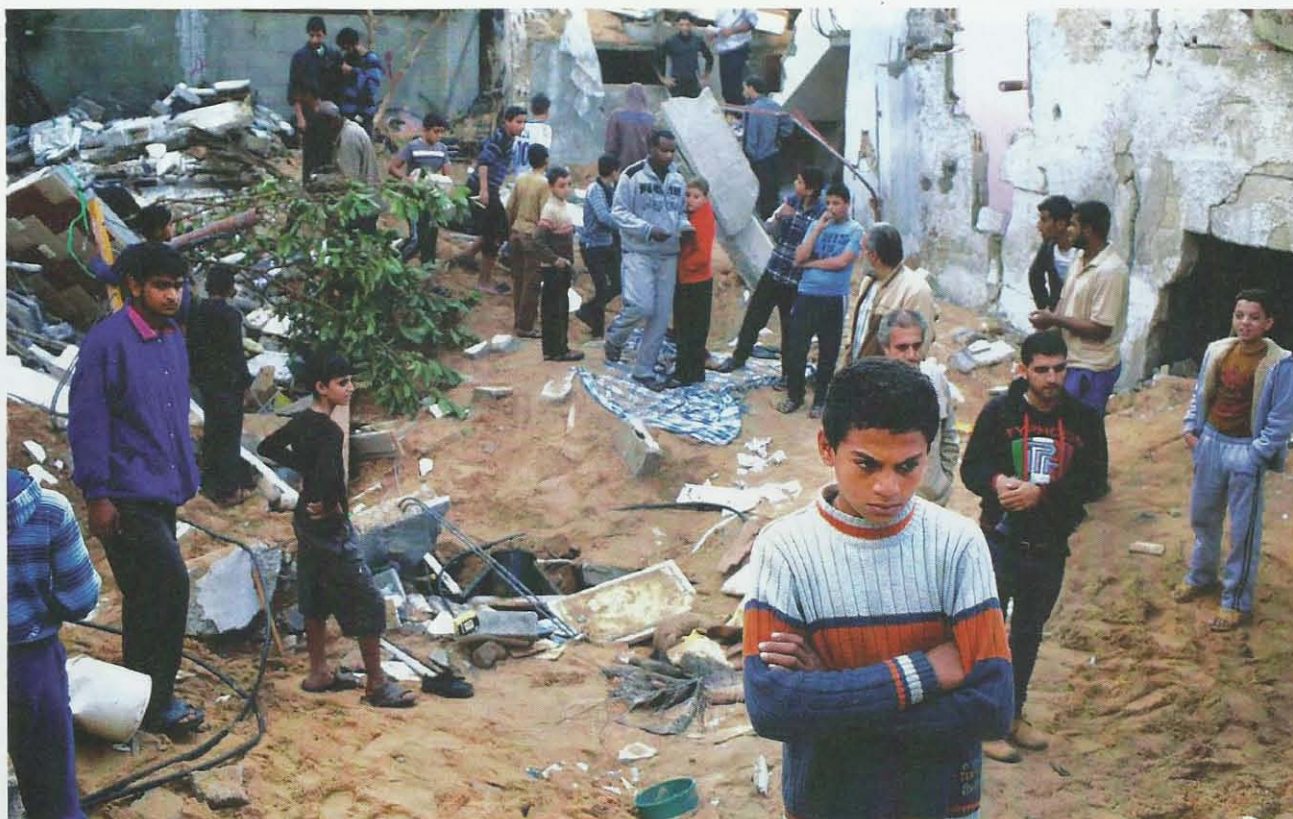
Após o conflito que destruiu Gaza, Israel obteve o apoio dos Estados Unidos, Reino Unido, União Europeia e outras potências ocidentais que, ao condenar o lançamento de foguetes palestinos, conferiram-lhe o direito de autodefesa.

Por sua vez, Irã, Egito, Turquia e alguns países árabes se mostraram contra as operações militares de Israel, principalmente, porque elas

tomaram um rumo desproporcional. Até o Brasil, em nome do Mercosul, condenou a violência, só que de ambas as partes.

Situação atual

Apesar das intervenções internacionais, a Faixa de Gaza continua bloqueada até hoje. Mas, como Israel permite ajuda humanitária limitada à região, membros da Cruz Vermelha que atuam no local, diante da catástrofe vivenciada no dia a dia, sempre repassam algumas informações para o mundo externo, que mostram como o bloqueio prejudica a econo-



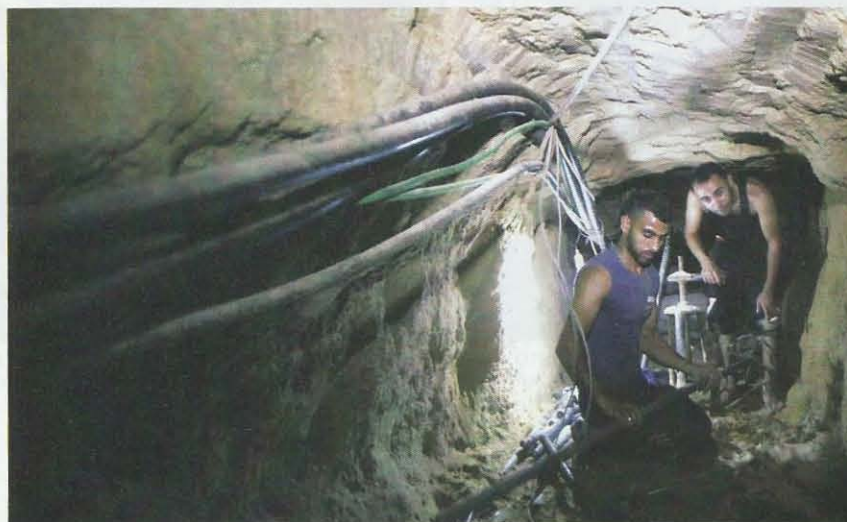
POPULAÇÃO DE GAZA, EM MEIO À DESTRUIÇÃO DA CIDADE, APÓS O CESSAR-FOGO DE 2012

REPRODUÇÃO/CLIQUEAR.PALMIRACIPPOST.COM

mia local e, em consequência, a vida de todos os habitantes de lá.

Apesar de tal fato já ter sido constatado inúmeras vezes, os líderes que compõem a Shin Bet (Agência de Segurança de Israel) insistem em dizer que não se opõem a flexibilização das restrições comerciais, à não ser por causa dos túneis de contrabando construídos pelos palestinos em direção à Península do Sinai e do porto aberto na Faixa de Gaza.

Segundo o que alegam, ambos colocam em perigo a segurança nacional de Israel, pois o Hamas e o Jihad islâmico, até o fim de 2010, tinham contrabandeado mais de 5 mil foguetes de grande alcance que, se lançados, chegariam até a área metropolitana de Tel Aviv. Contudo, ao se referirem à situação, em vez de falar em bloqueio, eles preferem usar a palavra “sansão”, para amenizar a própria posição no contexto internacional, o



TRABALHADORES PALESTINOS REPARAM TÚNEL DE CONTRABANDO QUE LIGA GAZA AO EGITO, APÓS BOMBARDEIO ISRAELENSE EM DEZEMBRO DE 2012

REPRODUÇÃO/ELECTRONICINTIFADA.NET

que não vem adiantando muito, tanto que, em meados do mesmo ano, David Cameron, primeiro-ministro britânico já havia se pronunciado sobre o problema, momento em que disse que

“Gaza não pode e não deve ser autorizada a permanecer como um campo de prisioneiros.”

Na ocasião, o porta-voz da embaixada israelense em Londres ainda



PALESTINOS ATRAVESSAM O POSTO FRONTEIRIÇO DE RAFAH, NO SUL DA FAIXA DE GAZA, REABERTO EM 22 DE MAIO DE 2013, COM DESTINO AO EGITO, CINCO DIAS APÓS O SEU FECHAMENTO PELA POLÍCIA EGÍPCIA, IRRITADA COM O CONFLITO NA REGIÃO

rebateu a declaração ao evidenciar que “o povo de Gaza era prisioneiro da organização terrorista Hamas e a situação do território era o resultado direto do governo e das prioridades do Hamas.”

Desde então, em virtude da falta de um consenso, as forças de defesa de Israel continuam mantendo sua fronteira com Gaza fechada e ainda controlam todas as viagens entre os

pontos de passagem entre Israel e a Faixa de Gaza. Em consequência, Gaza e todas as suas fronteiras, incluindo a do Egito e seu próprio litoral, tornaram-se um ambiente totalmente instável e muito perigoso para qualquer ser humano.

A pressão internacional nos últimos anos

Mediante uma série de menções

sobre o bloqueio, em junho de 2010, Egito e Israel abriram uma passagem parcial para Gaza, a partir da pequena cidade palestina de Rafah, que fica na fronteira do Sinai. No entanto, ela é restrita somente às pessoas e não pode ser usada para nenhuma espécie de abastecimento, exceto no caso de bens civis.

Em janeiro e fevereiro de 2011, após um longo estudo, o Escritório



A SITUAÇÃO DE GAZA, METAFORICAMENTE, ESTÁ REPRESENTADA NA IMAGEM DESSE PALESTINO QUE, EM 5 DE NOVEMBRO DE 2013, ENQUANTO ESTAVA SENTADO EM UM ACAMPAMENTO DE GAZA, APARENTEMENTE, TAMBÉM ESPERAVA UM NOVO ATAQUE ISRAELENSE À REGIÃO

creveram como obrigações humanitárias internacionais e de direitos humanos, além de serem eliminadas as restrições à importação e exportação de bens, as pessoas também teriam que adquirir o direito de se movimentar livremente entre Gaza e Cisjordânia através de Israel.

Apesar das negociações, o impasse permanece. Em decorrência, os níveis de pobreza e desemprego na região, que está totalmente destruída e repleta de feridos, só aumentam, o setor privado que dependia das exportações está em colapso e, a população, principal afetada, depende cada dia mais de ajuda humanitária vinda das agências da ONU, que se esforçam para atender às necessidades do povo da Gaza, mas se sentem barradas pelas limitações impostas por Israel.

Glossário de apoio

Al-Fatah – Organização político-militar, fundada em 1959, tida como a maior facção da Organização para Libertação da Palestina (OLP). Normalmente, é definida como um

partido de centro-esquerda, nacionalista, laico e menos radical que o Hamas. Ultimamente, por pregar a reconciliação entre palestinos e israelenses, vem sendo bem aceito pelas organizações internacionais que pedem a paz para a região.

Árabes – São os integrantes de um povo heterogêneo, originário da Península Arábica, que habita principalmente o Oriente Médio e a África Setentrional.

Autoridade Nacional Palestina (ANP) – Trata-se de uma instituição estatal semiautônoma que governa partes da Palestina – como a Cisjordânia e a Faixa de Gaza –, detendo o controle tanto sobre assuntos de segurança quanto sobre os civis nas áreas urbanas e rurais da região.

Hamas – Considerado o mais importante movimento fundamentalista islâmico de orientação sunita da Palestina, além de entidade filantrópica, também é um partido político cujos alguns membros formam um braço armado.

Jihad Islâmico – Facção palestina que surgiu na década de 70,

das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Ocha) concluiu que a chamada flexibilização invocada pelos israelenses não representava nenhuma melhora para a subsistência da população de Gaza.

A partir de então, a Ocha também passou a reivindicar a abolição total do bloqueio. De acordo com o que integrantes dos escritórios des-

na Faixa de Gaza, cujo principal objetivo é criar um Estado palestino islâmico e destruir Israel, por meio de uma guerra santa, conforme definido por seus membros. O grupo se tornou conhecido principalmente por seus atentados terroristas. Além disso, ele também se mostra contra todos os países do Ocidente.

Judeus – É todo e qualquer membro do grupo étnico e religioso originado dos hebreus do Antigo Oriente ou das tribos de Israel. Como população, eles tiveram sua distribuição demográfica alterada

ao longo dos séculos. Em decorrência de tal situação, eles passaram a sofrer perseguições que tomaram uma proporção histórica.

Palestina – Denominação histórica dada pelo Império Romano a uma região do Oriente Médio, situada entre a costa oriental do Mediterrâneo e as atuais fronteiras ocidentais do Iraque e Árabia Saudita, que hoje compreendem os territórios da Jordânia e Israel, além do sul do Líbano, Gaza e Cisjordânia.

Palestinos – São aqueles que pertencem a um povo mediterrâneo,

falante do árabe e com origens familiares na região da Palestina.

Semita – Grupo de povos pastores oriundos do Oriente Próximo, que falavam a língua semita, entre os quais os acadianos (caldeus e babilônios), assírios, amorreus, arameus, fenícios, árabes, hebreus (judeus), etíopes e ugaríticos. De acordo com a Bíblia, seriam todos os descendentes de Sem, filho mais velho de Noé. No entanto, além de não dividirem as mesmas crenças religiosas – exceto no dilúvio – e políticas, eles sempre foram rivais entre si.

DEUTSCHER, Isaac. **A guerra entre árabes e judeus de junho de 1967. O Judeu Não-Judeu e outros ensaios.** Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1970.

EL-ALAMI, Dawoud; COHNSHERBOK, Dan. **O Conflito Israel-Palestina – Para Começar a Entender...** Editora Palindromo, São Paulo, 2006.

FINKELSTEIN, Norman. **Imagem e**

Realidade do Conflito Israel-Palestina. Editora Record, Rio de Janeiro, 2005.

GATTAZ, André Castanheira. **A Guerra da Palestina.** Editora Usina dos Livros, Santa Catarina, 2002.

OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. **O Oriente Médio e a questão Palestina (Coleção Polêmica).** Editora Moderna, São Paulo, 2003.

PAPPE, Ilan. **História da Palestina**

Moderna. Editora Caminho, Lisboa, 2007. SACCO, Joe. **Palestina: uma nação ocupada.** Editora Corand, São Paulo, 2010.

ZAVERUCHA, Jorge. **Armadilha em Gaza.** Editora Geração Editorial, São Paulo, 2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Faixa_de_Gaza
<http://topicos.estadao.com.br/faixa-de-gaza>
<http://pt.euronews.com/tag/faixa-de-gaza>

Para discussão em sala de aula:

1. Após a leitura, discus-são do texto e pesquisas complementares, peça para os alunos pesquisarem as raízes do povo palestino e do povo judeu para, em seguida, analisarem o surgimento das rivalidades existentes entre eles, inclusive do ponto de vista religioso.

2. Logo depois, sugira que reflitam sobre o confronto entre as duas ideologias nacionalistas predominantes na região: o sionismo, movimento judeu surgido no século 19 e que previa a criação de uma pátria judaica, e o nacionalismo

árabe, que tomou força com a queda do Império Otomano e culminou com a criação da Liga Árabe em 1945.

3. Prosseguindo, questione a importância social, econômica e política do apoio norte-americano a Israel, suas causas e consequências após a 1ª Guerra Mundial e, da mesma forma, o apoio russo personificado pelo ex-governador egípcio Gamal Abdel Nasser – morto em 1970 –, ícone do nacionalismo árabe, aos palestinos no mesmo período.

4. Na sequência, faça com que analisem tanto os

diversos movimentos de revolta dos palestinos nos territórios ocupados pelos israelenses – de 1987 a 1993 – quanto a implicância deles para as pressões que eclodiram no contexto internacional e dentro da OLP e que fizeram Israel propor um acordo de paz que levasse a um reconhecimento mútuo e a assinatura de um acordo em 1994, no qual era reconhecido a soberania palestina sobre a Faixa de Gaza.

5. A partir daí, como nenhuma decisão definitiva foi tomada, incentive a elaboração de uma listagem

de grupos radicais de ambas as partes, dos atentados empreendidos por eles, de seus respectivos objetivos e dos principais motivos que ainda fazem os palestinos continuar refugiados em países como a Síria e o Líbano.

6. Por fim, provoque uma discussão sobre o bloqueio econômico imposto à Faixa de Gaza por Israel, as medidas tomadas contra ele no contexto internacional e suas implicações tanto para a população de Gaza quanto para o capitalismo que, hoje, apresenta proporções globalizadas.

HISTÓRIA

em perspectiva

Nº 41

Para colecionar
(Destaque e guarde)

*Este caderno foi elaborado para que o educador possa evidenciar aos alunos o diálogo entre o passado, presente e futuro.

FAIXA DE GAZA

UM DOS LUGARES MAIS CONTURBADOS
DO MUNDO DESDE A SUA ORIGEM

POR MORGANA GOMES

